







Entretanto Samsão conservava-se de observação ao passeio, occulto por traz de uma arvore, e não perdendo de vista a porta principal do palacio Walden. Decorreu uma hora. Ouviu-se o barulho de uma auge, e dentro em pouco reconheceu o colosso libré dos criados do baronet.

A porta abriu-se e a sege desapareceu do outro lado da grade.

Então Samsão correu á viella e imitou o grito da coruja.

Depois esperou. João da França não respondeu.

—Está sem duvida dentro do palacio, pensou Samsão, cuja intelligencia não comprehendia o meio empregado por João da França para entrar no jardim depois de ter recusado a ajuda do seu hombro para arrombar a porta.

Samsão começou a passear diante da porta.

O gigante, como se sabe, era dotado de uma paciencia a toda prova e passou durante mais de uma hora, esperando sempre João da França, que não voltava.

De repente o seu pé tocou num objecto de côr escura, que jazia no chão.

Samsão parou e reconheceu

que esse objecto era um homem embriagado ou um cadaver.

O gigante curvou-se para elle, recendo que fosse João da França; mas depressa reconheceu Leonel. O manchope perdia o seu sangue, gottá a gottá, e conservava-se sem movimento. Samsão pôs-lhe a mão sobre o peito.

O manchope vivia ainda. O colosso tinha um coração bom, não tratou de saldar o motivo porque Leonel estava ali ensanguentado e inanimado e não se lembrou de que era irmão talvez da de João da França e que devia respeitar as vontades do seu amo. Carregou com Leonel aos hombros e largou a correr na direcção de St. Gilles, onde havia um posto de soldados e de guardas.

O peso de um homem sobre seus hombros não impedia Samsão de correr. Chegou ao posto em alguns minutos, entrou arrebatamente e depoz o corpo de Leonel sobre um leito de acampamento.

—Aqui está um homem que acabo de encontrar na rua viva ainda; tratem delle, pois é esse o seu dever.

E fugia antes que pensassem em demorar para lhe pedirem explicações.

Quando correram atraz delle já elle ia longe, dirigindo-se de novo para o seu posto.

Mas por mais que repetisse o grito da coruja, nenhum grito semelhante lhe respondeu, e a pequena porta do jardim conservou-se fechada. Então Samsão imaginou que João da França tinha subido enquanto elle levava Leonel para o posto dos guardas, e tomou o partido de voltar no Wapping, esperando encontrar o a cabeceira de Elspy. Bolton e Dinah achavam-se lá sóis e a braços com uma viva ansiedade.

—Onde está João? perguntou Samsão, entrando.

—Não o vimos, respondeu Bolton.

O gigante contou todas as suas diligencias com todos os seus pormenores. Bolton ouvia-o com espanto e inquietação. Depois do colosso acabar de falar, exclamou Bolton:

—Se amanhã ao nascer do dia João não tiver apparecido, irei a casa de sir Roberto Walden e obrigal-o-ei a dizer-me o que é feito de João.

Mas Bolton tinha excessiva fé na força, destreza e infinitos recursos do rei dos bohemios.

—Oh! nada receie, disse elle, João voltará!

Com effeito, na manhã seguinte, ao nascer do dia, na occasião em que Elspy acordava, depois de ter passado uma noite muito socogada, que lhe salvava a vida, Bolton, de-

pois de ter dado a Dinah instruções para todo o dia, emburruçou na sua capa e dispoz-se a partir para a casa de sir Roberto Walden.

O bom cirurgião estava resolvido a usar dos meios mais violentos para saber o que era feito de João da França; mas no momento em que ia a sair, bateiram na porta.

—Quem está ali? perguntou Samsão, apparecendo á janella.

O colosso viu um desconhecido que introduzia um papel por baixo da porta, dizendo em lingua bohemia:

—Aqui tem para si.

Depois deitou a correr, antes que Samsão lhe pudesse ver o rosto e reconhecer nelle um dos seus irmãos, da tribo. Samsão desceu, pegou no papel que estava dobrado de uma certa maneira, usada entre os bohemios, e lançou-lhe os olhos.

O papel continha estas duas linhas em linguagem bohemia:

«Não me procurem e esperem-me com paciencia, cinco ou seis dias. Tudo vai bem.»

Samsão observou que o papel em que essas palavras estavam traçadas tinha sido arrancado da carteira que João da França trazia ordinariamente consigo; além disso o colosso re-

conheceu perfeitamente a letra do rei dos bohemios.

Samsão subiu á sala em que Bolton se achava e traduziu-lhe o bilhete:

Bolton respirou, depois pediu-se em conjecturas de que essa ausencia inesperada de João da França; mas nem Samsão nem elle suspiraram um instante que não fosse a morte do rei dos bohemios que tinha trancado essas linhas.

Vejamos agora como m. Elton tinha acabado de passar esta noite, acamada em tragicas emoções.

A bella bohemia, depois de sair da gruta que ia servir de tumulo a João da França, pôs-se em Leonel. Porque não tinha elle ido? Como se tinha João da França apassado a chave que ella tinha dado Leonel? Essas duas perguntas pareciam insolúveis, admittima a veracidade das palavras dos dois bohemios: «Socega, m. matei Leonel». Mas, se elle não tinha morrido, como tinha Leonel podido entregar-lhe a chave? O primeiro pensamento de Miss Ellen, foi correr a ver e explorar-a, mas a prudencia impediu-a de pôr em pratica esse pensamento.

(Continúa.)